

## AS TROBAIRITZ IRROMPEM NO BANQUETE DE SÓCRATES: ENSINO DE HISTÓRIA, IDADE MÉDIA E IMAGINAÇÃO NA APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

**Amanda Gisele Rodrigues**

Mestranda do curso de Ensino de História na UFRGS

E-mail: [amandagiseler@hotmail.com](mailto:amandagiseler@hotmail.com)

**Nilton Mullet Pereira**

Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: [niltonmp.pead@gmail.com](mailto:niltonmp.pead@gmail.com)

### Resumo

O artigo problematiza o ensino de história medieval, a partir dos debates em torno do conceito de história menor e da imaginação na aprendizagem em História. Apresentamos um escrito que se baseia na ideia de um medievo que compõe múltiplas temporalidades, muitos modos de ser, muitas maneiras de pensar. Desse modo, pensamos em problematizar o medievo criado no âmbito da produção didática, ao menos até os anos 90, e dos currículos escolares, que se baseia na ideia de uma sociedade masculina e guerreira (características que, evidentemente, marcaram a vida das pessoas na Idade Média). Ao mesmo tempo, propomos construir uma narrativa sobre a Idade Média onde as mulheres trovadoras (trobaairitz) são singularidades e se projetam como linhas de fuga, verdadeiros simulacros, em meio a um mundo de homens, permitindo supor que, apesar da existência de subjetividades predominantes e poderosas, o mundo – hoje ou na época medieval – é múltiplo, habitado por diferentes forças, e cabe à aula de História apresentar essa pluralidade aos estudantes.

**Palavras-chave:** Trobaairitz. História menor. Imaginação.

THE TROBAIRITZ OUTBREAK IN THE SYMPOSIUM OF SOCRATES:  
HISTORY TEACHING, MIDDLE AGE AND IMAGINATION IN HISTORY  
LEARNING

**Amanda Gisele Rodrigues**

E-mail: [amandagiseler@hotmail.com](mailto:amandagiseler@hotmail.com)

**Nilton Mullet Pereira**

Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: [niltonmp.pead@gmail.com](mailto:niltonmp.pead@gmail.com)

**Abstract**

This article problematizes medieval history teaching, based on the debates about minor history concept and imagination in History learning. We introduce a text which is based in an idea of medieval times with multiple temporalities, many ways of being and many ways of think. In this way, we problematize the medieval times created by the didactic production, at least until the 90's, and the school syllabus, which is based on the idea of a male and warrior society (characteristics that, evidently, marked people lives in Middle Age). At the same time, we propose a construction of a narrative of a Middle Age where the women who were troubadours (trobairitz) are singularities and plan themselves as escapes routes, real simulacrum, in a world of men. It let us to suppose that, besides the existing of powerful and prevalent subjectivities, the world - today or in the medieval times – is multiple, inhabited by multiple powers, and History class must show this plurality to the students.

**Keywords: Trobairitz. Minor History. Imagination.**

Houve tempos passados em que o medievo foi identificado como uma época de trevas, povoado por homens guerreiros, cidades decaídas e pestes mortíferas. Esse olhar que criou um medievo de trevas supunha que a racionalidade teria tido, entre mais ou menos o século V e o século XIV, um momento de suspensão, em favor de uma religiosidade fervorosa e de um pensamento místico. Demorou algum tempo para a medievalística apresentar ao mundo em geral e à aula de História, em particular, processos históricos complexos, sujeitos plurais, temporalidades múltiplas, filosofias e formas de racionalidade, para caracterizar o medievo. De mais tempo ainda é a demora para que a pesquisa teórica e temática sobre o medievo possa entrar na sala de aula e habitar livros e cadernos didáticos.

Então, hoje, como pensar o ensino e a aprendizagem de “um tempo” que se livrou, ao menos em parte, da marca profunda de ser um outro que seria obscuro, infantil e pestilento? O que dizer de uma Idade Média na sala de aula agora compreendida por nós, como uma multiplicidade, que forja um dos outros necessários a um autointitulado iluminismo que se afirmou diante das supostas trevas do medievo, mas também dos africanos, americanos e asiáticos?

Nestes tempos das trevas do negacionismo, do racismo estrutural e das homofobias, queremos apresentar uma Idade Média plural, mas, sobretudo, que se permite devolver à História a imaginação e a potência em pensar a multiplicidade.

Nesse sentido, apresentamos um escrito que se baseia na ideia de um medievo que compõe múltiplas temporalidades, muitos modos de ser, muitas maneiras de pensar. Distante daquela sociedade masculina e guerreira (características que, evidentemente, marcaram a vida das pessoas na Idade Média), propomos construir um medievo onde as mulheres trovadoras são singularidades e se projetam como rasgos, linhas de fuga, verdadeiros simulacros, em meio a um mundo de homens, permitindo pensar que, apesar da existência de subjetividades predominantes e poderosas, o mundo – hoje ou na época medieval – é múltiplo, habitado por diferentes forças, e cabe à aula de História apresentar essa pluralidade aos estudantes. Portanto, centramos nossa atenção nas *trobairitz* medievais, na esteira de inúmeros trabalhos sobre o tema das mulheres na Idade Média (MACEDO, 2002; ALMEIDA, 2017; DEPLAGNE; BROCHADO, 2018). Propomo-nos a cortar as temporalidades medievais para, **primeiramente**, mostrar as linhas de forças criadas pelas *trobairitz*, **por segundo**, problematizar o medievo na perspectiva de uma história menor (PEREIRA, 2018), **em**

**terceiro**, pensar a aula de História como o refúgio das temporalidades, das subjetividades e das temáticas que desmentem a ideia de um tempo único, linear e dominante, bem como como o lugar da imaginação, do passado e do futuro.

### **A irrupção das Trobairitz**

As mulheres eram, via de regra, uma curiosidade em meio à narrativa histórica dos livros didáticos (MAC GINITY, 2015). Suas histórias eram dispostas em um *box*, ao lado do texto principal e abordadas quando a narrativa do texto principal era esgotada. Foi assim por muito tempo, até que as avaliações do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) foram cada vez mais voltadas para a afirmação e positividade de formas de existências e modos de vida que a narrativa histórica negligenciava. Nesse caso, a abordagem do tema das mulheres se transformou significativamente. Entretanto, há muito a se fazer para construir uma narrativa histórica não sexista, que se volte contra o patriarcado.

A medievalística tem construído inúmeras pesquisas que podem ser apresentadas para a sala de aula de História, já que são muitas formas de abordar o medievo, desde a perspectiva da uma descolonização (BERTARELLI; AMARAL, 2020), até a tentativa de pensar a história do medievo e as questões de gênero (FORTES, 2019). A partir da medievalística e da crítica realizada pelo campo do ensino de História, pensamos poder potencializar o ensino de História a partir de situações didáticas que envolvam as trobairitz, cortando a aula de História com a crítica à narrativa masculina e eurocentrada e, ao mesmo tempo, criando possibilidades de dar vida à aula de História que pense o múltiplo e, portanto, em uma aprendizagem que se dá, neste caso, sobre o passado, mas que ensina sobre como problematizar o presente e como abrir possibilidades de futuro.

As trovadoras medievais, também conhecidas como trobairitz, foram compositoras e poetisas que cantavam na sociedade da Occitânia, no Sul da França entre os séculos XII e XIII. O termo trobairitz provém da palavra *occitana* trovar, ou seja, encontrar, inventar ou compor com habilidade poética e musical (EFTEKHARI, 2018, p.100). Encontramos a sua poesia no vernáculo *d'oc*, da Occitânia. Algumas das vozes dessas excluídas pela narrativa histórica jamais foram ouvidas, nem no tempo que viveram e muito menos por nós, uma vez que na historiografia que veio depois, as esqueceram. Entretanto, olhando para a história das

trobairitz que, via de regra, tiveram acesso a uma formação e que ocuparam um espaço onde eram escutadas e criavam suas composições, podemos perceber que, por muito tempo, tivemos a ideia de uma Idade Média criada apenas através dos clichês iluministas, que reforçaram a ideia de que, historicamente, a resistência aos discursos dominantes foram inexistentes. Entretanto, com esse movimento poético e musical, as trobairitz romperam os silêncios, resistiram tanto ao seu próprio tempo, quanto ao discurso historiográfico que lhes negou existência. Ainda que, portanto, quando se ensina Idade Média na escola, visível, sobretudo, pelos diferentes estudos acerca dos livros didáticos (MACEDO, 2008; PEREIRA; GIACOMONI, 2008), abre-se, hoje, um campo largo de possibilidades para assegurar a multiplicidade e afirmar uma Idade Média onde conviveram várias temporalidades e modos de vida. O iluminismo e o seu suposto movimento de progresso não reservaram às mulheres lugares de destaque, afirmação e positividade. Ao contrário, as luzes e o progresso teriam diminuído os poderes e as visibilidades que mulheres haviam alcançado em plena Idade Média, outrora chamada de época de trevas por esses mesmos homens iluministas. Para Dabat (2002, p.27), no medievo, as mulheres, haviam gozado, com plena capacidade, de papéis importantes, senão absolutamente iguais aos homens, em muitas áreas de atividade: econômica, política e artística.

A historiografia, herdeira do movimento iluminista, silenciou mulheres que viviam e faziam a sua voz ecoar em muitas esferas da sociedade medieval. Ao modo de Benjamin (1985, p.225), não devemos, ao pensar as nossas aulas de História, “escovar a história a contrapelo”, descobrir e dar visibilidade às histórias menores, aos simulacros que insistem e rasgam os contextos (construídos pelas narrativas de modo sempre tirânico). Dessa forma, podemos encontrar essas e tantas outras histórias que ampliam nossos entendimentos sobre um medievo múltiplo e sobre as histórias das mulheres que lá viveram. Embora essas mulheres do medievo tenham existido e outras tantas tenham atuado em vários setores da sociedade medieval, não se supõe que a Idade Média tenha sido um período no qual as mulheres viveram em igualdade com os homens. As suas existências, entretanto, permitem pensar em aulas de História que ensinam os diferentes modos de vida que habitaram e que resistiram em diferentes espaços e tempos, para que, dessa maneira, os estudantes compreendam o caráter sempre histórico e transformável do seu próprio tempo.

Deplagne, em seu artigo “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média” (2019), propõe problematizar a narrativa colonial

da modernidade em relação ao período medieval. Por fontes históricas que sinalizam a participação das mulheres em várias áreas do conhecimento, a autora questiona a forma que as mulheres medievais vêm sendo retratadas. Deplagne recorre às fontes históricas da época com “o propósito de possibilitar a elaboração de novas hipóteses relacionadas à representação das relações de gênero no período medieval, ao enfatizar o agenciamento das mulheres em inovações literárias, científicas, místicas e em outros saberes” (2019, p. 32). Desse modo, a autora quer demonstrar as formas de resistência diante do poder patriarcal. Trata-se de uma tentativa de repensar o papel das mulheres no medievo e de desconstituir a ideia de uma “mulher medieval submissa, iletrada e silenciosa” (DEPLAGNE, 2019, p. 32).

Ao olharmos para as cantigas compostas pelas trobairitz, percebemos que adjetivos como iletradas, submissas ou silenciosas não descrevem em nada essas mulheres. Das cantigas produzidas pelas trovadoras medievais, temos acesso a um número muito reduzido; no entanto, dessas fontes são identificados alguns nomes que figuram como autoras ou coautoras, tais como: Condessa de Dia, N’Alaisina Iselda, Na Caraenz, Almuc de Castelnuo, Iseult de Capion, Na Felipa, Guilheima de Rosers, Na Lombarda, Maria de Ventadorn, Isabela, Domna H., Garsenda e Compiuta Donzella. As mulheres trovadoras tinham na temática amorosa sua fonte preferida para a criação de suas cantigas. Ao analisarmos as letras das suas canções percebemos que essas mulheres não se colocavam de maneira tímida e nem tampouco com o que hoje poderíamos chamar de pudor. Diferentemente das regras do *fin’ amor*, dos trovadores, as trobairitz adotaram um tom provocador, bastante diferente do comedimento, da delicadeza e da boa medida das *cansos* trovadorescas, dos homens, como salienta Deplagne (2010).

Nas cantigas das trobairitz, observa-se não só a inversão dos papéis sociais comumente destinados às mulheres, como também uma subversão do código cavaleiresco da lírica trovadoresca, ao invés de o homem, é a mulher que almeja e solicita o amor do cavaleiro, do seu pretendente amoroso, como se pode ver “[...] nos versos da poetisa Castelosa ‘[...] *Que pòis dòmna s’ávè / D’amar, prejar deu be / Cavalièr, s’em lui vè / Proez’è vassalatge*’ (‘Pois, quando uma dama decide amar, é ela quem deve pedir o amor do cavaleiro, se ela vê nele proeza e qualidades cavalerescas’) (DEPLAGNE, 2019, p.20). Conforme a autora, parece haver, nesse processo de mudança na posição da voz protagonista na canção, bem como do sujeito que ama, uma negação do patriarcado, “que regia predominantemente os papéis sociais destinados a cada gênero” (Idem), como se pode ver na cantiga a seguir:

*Bels amics, avinenz e bos,  
Quora'us tnerai em mon poder  
Et que jagués ab vos um ser,  
Et qu'us dês um bais amoròs?  
Sapchatz, gran talan n'auria  
Que'us tengués en luòc del marit  
Ab çò que m'aguessetz plevit  
De far tot co qu'eu volria“*

*Belo amigo, cortês, charmoso,  
Quando em meu poder vos terei  
E junto a vós me deitarei  
Para dar-vos beijo amoroso?  
Em meus braços, como almejo  
Ter-vos em lugar do marido!  
Que vós cumprais o prometido:  
Será tudo ao meu desejo!*

*Beatriz de Dia/Condessa de Dia*

(DEPLAGNE, 2010, p.105)

Além do que Deplagne chama atenção para a negação do caráter patriarcal da lírica trovadoresca, muitas trovadoras denunciavam as figuras do marido e, até mesmo, do pai, no interior das famílias patriarcais, denunciando também os casamentos arranjados e a violência exercida pelo marido, como se pode ver nesta cantiga:

*Ca lo mio padre m'ha messa 'n er[r]ore,  
e tenemi sovente in forte doglia:  
donar mi vole a mia forza signore,  
ed io di ciò non ho disio né voglia,  
e 'n gran tormento vivo a tutte l'ore;  
però non mi ralegra fior né foglia.*

*em casa meu pai me colocou no erro,  
e me mantém contínua em grande aflição:  
doar-me quer à força a um senhor,  
e eu disse não tenho desejo nem afeição,  
e grande tormento vivo todas as horas;  
por isso não me alegra nem flor nem fronda.*

*Compiuta Donzella*

(SIMONI, 2018, p.237)

No poema que se observa a seguir, há a preocupação com a maternidade, inclusive com a demonstração de que a mulher poderia não querer ser mãe, a preocupar-se com seu corpo e com os problemas da maternidade:

*Consilhatz mi segon costr'escienz:  
Penrai marit a vòstra concoissença,  
O'starai mi pulcela? E si m'agença,  
Que far filhons non cuit que sai bos  
E sens marit mi par tròp angoissós.  
- Na Carenza, penre marit m'agença,  
Mas far infanz cuit qu'es gran penitença,  
Que las tetinas pendon aval jos  
E lo ventrilh es rüat e 'nojós*

*Aconselhai-me com vossa consciência,  
De acordo com vossa sabedoria  
Casar-me ou ficar virgem deveria?  
Ter filhos não deve ser prazeroso,  
Mas, parece triste não ter esposo.  
- Dona Carenza, ter marido queria,  
Mas, ter filho é penitência sandia,  
Pois deixa o seio tão flácido e feioso  
E o ventre enrugado e doloroso.*

*Na Caraenz*

(DEPLAGNE; BROCHADO, 2018, p. 134)

Portanto, a demonstração dessas formas de vida do medievo, absolutamente estranhas às salas de aula de História, como as trobairitz, permite-nos, de uma só vez, problematizar o medievo e, ao mesmo tempo, o nosso próprio presente. Nesse sentido, pensamos que o contato das/dos estudantes com essas fontes pode possibilitar que eles pensem sobre as relações de gênero que existem hoje e das quais eles fazem parte, para que possam fazer um movimento de análise das suas ações, atitudes e comportamentos no campo dessas relações. Dessa forma, não apenas serão capazes de identificar o machismo nos outros, mas também identificarão em que eles próprios estão reproduzindo esses padrões. Entendemos que ao aprender sobre as cantigas das mulheres trovadoras da Idade Média as/os estudantes podem imaginar e experienciar futuros em que homens e mulheres possam viver em igualdade, em relações de horizontalidade. É nesse ponto que, o estudo do medievo, uma ética para pensar a si mesmo e o seu mundo e um olhar mais atento à multiplicidade são linhas que se cruzam e constituem, de uma só vez, um outro olhar para a Idade Média, para a história em geral e uma inserção do elemento ético no ensino e na aprendizagem de História.

### **O medievo, a imaginação e as histórias menores**

O ensino de História, em função de lutas políticas fundamentais e importantes em nosso presente, tem se voltado, com um conjunto de razões absolutamente evidentes, para transformar os currículos escolares, para dar espaço e protagonismo às histórias silenciadas pela colonialidade (QUIJANO, 2008). Ou seja, o currículo escolar menos eurocêntrico e não colonial, implica, ao menos, diminuir o espaço dado para as histórias europeias e ampliar o espaço para as histórias da África, para as histórias do Oriente, para as histórias das negras e dos negros, no Brasil, para as histórias dos povos indígenas, para as histórias dos povos latino-americanos.

Entretanto, pensamos que há espaço ainda para o estudo da Idade Média, problematizando os efeitos éticos e políticos que ensejam os medievos que criamos ou que são criados em diversos espaços, como os jogos, o cinema ou as séries. Ensinar Idade Média é tensionar a nossa relação com o próprio presente, a partir de um lugar outro, muitas vezes estranho e composto por temporalidades singulares. A abordagem que, em momentos imediatamente anteriores ao nosso, criou uma espécie de Idade Média escolar (PEREIRA, 2008), ou seja, uma temporalidade única, pensada em 3 tempos, as migrações germânicas (antes chamadas de *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022. ISSN: 1982 -193X*

invasões bárbaras), o feudalismo e a crise do século XIV, teve efeitos desastrosos para o ensino e a aprendizagem. Esses efeitos podem ser considerados tanto para o estudo do próprio medievo, quanto para a criação de uma ideia de história e de uma determinada relação com o passado, para os estudantes e as pessoas em geral. Desse modo, percebe-se que essa Idade Média escolar assim construída cria a noção de uma temporalidade única, de um tempo que é linha e que é evolutivo e de uma estrutura sem fissuras e sem desvios. Portanto, tudo o que não estiver adequado à linha ou à estrutura ou mesmo ao contexto (por exemplo, um medievo de homens, de guerras, de pestes e do encantamento dos cavaleiros de Arthur, que se inicia com as migrações, atinge o auge com o feudalismo e decai com a Crise) são esquecidos, como as trobairitz, por exemplo. Os efeitos éticos de uma história assim narrada são devastadores, pois, não apenas reduzem a uma história única um momento no tempo e no espaço múltiplo e plural como o medievo, como também ensinam que a história é uma sequência de acontecimentos que possuem uma lógica única, descartando a diferença e descartando as temporalidades que não se encaixam na lógica da narrativa dominante.

É assim que pensamos em uma história menor e, ao mesmo tempo, em uma aula de História que acolhe a imaginação. Isso significa não abandonar o estudo das estruturas, dos conceitos gerais ou das formas predominantes de vida, no medievo, mas incluir nos estudos dos processos históricos, histórias que apresentam uma Idade Média como um tempo de multiplicidade. Isto quer dizer, um medievo que se mostra como uma potência, como um conjunto ilimitado de forças, que enseja a criação de muitos e diversos modos de vida: estilos de políticas, disputas de gênero, formas de culto religioso, deuses, espiritualidades, formas de relação com o passado, e muito mais.

Pensar a Idade Média como um conjunto ilimitado de histórias menores, aguça nossa imaginação para imaginar a multiplicidade, quebrando a linha do tempo e oferecendo tanto a diferença do passado e a sua aprendizagem, quanto a imaginação que temos do medievo, hoje, o que implica problematizar ética e politicamente aquele período histórico, a fim de que estudar a história medieval permite questionar o presente, ampliar as possibilidades de vida e, portanto, imaginar futuros.

História menor (PEREIRA, 2018) não é um conceito para ser pensado moralmente, como um outro menos sofisticado do que uma suposta história maior. Ao contrário, o valor das histórias menores é sua potência de ampliação de ver, interpretar e imaginar o passado, numa espécie

de liberdade em relação aos grandes esquemas explicativos (típicos das explicações didáticas sobre o medievo) que sustentam o tempo-linha e a história evolutiva. Esse conceito consiste em um roubo do livro de Deleuze e Guattari (1977), “Kafka: por uma literatura menor”, e da ideia de uma educação menor, construída por Silvio Gallo (2002). Uma história menor tem caráter de resistência, funciona como se fosse a vida, como a própria multiplicidade, resistindo aos poderes que a definem e limitam e que, desse modo, impedem a aparição e o protagonismo de muitas histórias. A vida como o nome da resistência (DELEUZE, 2005). Portanto, a ideia de uma história maior jamais será referência para uma história menor.

As trobairitz, pensadas como histórias menores e dispostas como conteúdos escolares e, portanto, fontes de aprendizagem sobre o medievo e sobre nós mesmos, implicam um ensino com efeitos éticos e políticos. Em primeira instância, pensa o passado com uma dinâmica que o tempo linha, a história colonizada e eurocentrada, não permite suportar. Essa dinâmica significa, justamente, o passado como multiplicidade, como repositório infinito de experiências – estranhas ou de pertencimentos – à disposição de uma aprendizagem sobre a vida, as formas de vida. Por segundo, oferece histórias silenciadas, rompendo os limites impostos pelos currículos que, por séculos, se sucederam a contar uma história única (ADICHE, 2019) e, sobretudo, a reduzir as histórias dos povos do mundo não europeu, aos limites dos conceitos e dos modos de vida europeus (SETH, 2013). Logo, a ideia de uma Idade Média como multiplicidade e de uma história menor faz gritar os silêncios, faz aparecer os invisíveis, torna experiência e narrativa a vida das pessoas comuns (PEREIRA, 2018). Em terceiro, o medievo aparece como um tempo/espaço de infinitas possibilidades de existência, antes negligenciados pela própria medievalística. Um tempo/espaço que foi habitado pelas trovadoras, por mulheres que se colocaram, no campo da escrita literária e na criação de canções, como protagonistas da relação amorosa e de suas próprias vidas.

### **Aula de História: refúgio, pensamento e imaginação**

O medievo, considerado em sua multiplicidade, nos permite pensar a aula de História como o refúgio das temporalidades, das subjetividades e das temáticas que desmentem a ideia de um tempo único, linear e dominante, como enfatizamos no início deste texto. Por conseguinte, o encontro das/dos estudantes com os poemas/canções das trovadoras, consideradas aqui seres

de resistência, pode permitir que se possa observar como a música e a poesia são convites de deslocamento e de abertura que possibilitam aprendizagem em História.

O estudo das trobairitz enseja um debate sobre as questões de gênero em sala de aula, desnaturalizando ideias que construímos em relação ao comportamento feminino e masculino. É assim que, no refúgio da sala de aula, onde a criação acontece, se pode estimular o pensamento sobre a equidade de gênero e sobre discriminações de gênero através de recortes sociais e de raça. A aula de História é espaço de uma pluralidade de diferenças que se encontram e procuram ampliar suas potências de vida. Trata-se, portanto, de um ensino sobre a Idade Média que, ainda que não reduzida aos conceitos do presente, abre um campo de possíveis para problematizar esse mesmo presente.

As trovadoras medievais, como conteúdo da aula de História, instigam o pensamento de como construímos e modificamos o que entendemos por diferente e normal, desconstruindo os estereótipos produzidos ao longo do tempo, que produziram o binômio normal/anormal (FOUCAULT, 2002). Ao apresentar um breve recorte sobre a história dessas mulheres, tornamos a sala de aula, um lugar-refúgio, onde se pode imaginar o passado como um repositório infinito de experiências de vida. Ao mesmo tempo, o estudo da história do medievo se constitui para além dos limites da tríade Migrações germânicas, Feudalismo, Crise, de modo que se dê visibilidade para as histórias que foram silenciadas, por muito tempo, pela historiografia e, sobretudo, pela sala de aula de História.

Todavia, nos parece que não é suficiente apenas provar que as mulheres tiveram participação em várias esferas da sociedade, e que elas também tiveram uma história, pois, como nos aponta Scott (1995), na maioria das vezes em que se buscou reconhecer a história das mulheres, acabou-se por relegá-la a um domínio separado da história dos homens. A autora entende que o desafio que esse tipo de interpretação provoca é teórico e que ele “[...] exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes” (SCOTT, 1995, p. 4).

As perguntas feitas por Scott podem nos auxiliar a pensarmos as nossas práticas, assim como também nosso entendimento sobre o passado e o presente e sua relação com as relações de gênero. Scott nos alerta que não podemos escrever a história sem entendermos que

[...] "homem" e "mulher" são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque, mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (SCOTT, 1995, p.93)

A autora aponta a necessidade de surgir uma nova história que seja capaz de tornar “as mulheres visíveis como participantes ativas” e que “criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia” (SCOTT, 1995, p.93). Scott entende que essa nova história possibilitará que possamos elaborar estratégias políticas e feministas; para ela, “o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça” (SCOTT, 1995, p. 93).

O grande desafio da pesquisa histórica é acabar com a noção de representação binária de gênero entendido como natural e, para isso, deve incluir nas suas elaborações as instituições, a organização social, assim como também a concepção de política (SCOTT, 1995). Ainda que vivenciemos uma sociedade onde o machismo e o racismo fazem parte das estruturas sociais, se faz importante não esquecer que há espaço para agência humana. Ou seja, nessas estruturas, há espaço para um conceito de ação humana entendida como uma tentativa de construir um conjunto de relações em uma sociedade dotada de uma linguagem conceitual que seja capaz de definir limites, assim como também de possibilitar resistências e reinterpretções (SCOTT, 1995).

Sendo assim, nos parece que a história das trovadoras medievais e suas produções podem suscitar questionamentos sobre como entendemos o mundo medieval, e, conseqüentemente, tudo que veio depois, assim como também acerca da visão que construímos das mulheres que viveram nesse período e o entendimento que temos do que é ser mulher ou homem, atualmente. Ao realizarmos esse movimento, talvez possamos também questionar o quanto estamos encaixotando os outros e a nós mesmos em estereótipos que reduzem a vida e sua multiplicidade.

Nesse sentido, entendemos que a aula de História pode promover um encontro das/dos estudantes com essas mulheres, as fontes da época, ou seja, as cantigas que chegaram até nós, criando uma abertura que possibilita a aprendizagem. Desse modo, tornamos a sala de aula um espaço no qual aprender se torna um movimento vivo e que, nessa direção, pode possibilitar um encontro com os outros seres do mundo e consigo mesmo. Assim, as fontes

não podem falar e provocar uma experiência epifânica, gerando um movimento de partilha com a presença do passado (SILVEIRA, 2016).

As trobairitz e suas cantigas, consideradas como lugar de protagonismo feminino, podem se constituir em fontes históricas, estudadas, analisadas e, sobretudo, escutadas, como arte, poesia e História, em uma sala de aula que se converte em lugar de criação e de imaginação.

Imaginar, como na perspectiva de Sartre (2008), como a conhecer, compreender e se colocar no mundo. É assim que o medievo, imaginado e ao mesmo tempo pensado, que abre as portas da imaginação ao presente e ao futuro, leva estudantes e professoras a pensar, compreender e experienciar outros mundos possíveis. Eis o potencial ético e estético do estudo do medievo. Pois que, imaginar, ainda tal como pensa Sartre, amplia as possibilidades do sujeito de conhecer e se relacionar com o mundo e com os outros. Mas, imaginar ainda é mais. Para Bachelard,

[...] a imaginação conduz à liberdade, pois permite o surgimento do novo e do inesperado. A preocupação primordial de Bachelard é, pois, mostrar como se dá a instauração do novo e do abrupto que irrompem de forma imprevista em nosso caminho (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 75).

A imaginação é anterior à percepção, e a poesia é uma fonte potente de imagens, já que é da linguagem poética que surgiram as primeiras imagens. Afirma ele: “Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica” (BACHELARD, 1989, p. 5). Tudo se passa como se a aula de história medieval, com o canto e as canções das mulheres trovadoras, pudesse alargar, ao ilimitado, nossas possibilidades de imaginar mundos, não apenas aqueles disponíveis desde os diagramas que nos constituem no presente (DELEUZE, 2005), mas outros mundos, como se fossem sonhados e como se pudessem nos indicar futuros não catalogados nos estratos fixos dos saberes do presente. É a dimensão poética da imaginação que nos permite ver e contemplar o mundo como multiplicidade, como o ilimitado do sonho. Vai ser então a partir do devaneio através das imagens poéticas que o sujeito inventa o mundo e também entende o mundo. O pensador leva o status do imaginar como ação fundante de entendimento e criação de mundo: “O mundo vem imaginar-se no devaneio humano” (BACHELARD, 2009, p. 14). A imaginação para o autor não é reprodutora de mundo e sim criadora, ou seja, não é um reflexo do real ou ainda um resíduo visual perceptivo, mas sim criadora de mundo.

Bachelard nos possibilita pensar em um ensino de História que entende a dimensão artística e poética como fundamental para a imaginação histórica e que não está dissociada da dimensão cognitiva. Sendo assim, imaginação e razão estão contidas tanto na poética quanto na ciência e são complementares. Dessa maneira, a razão entendida por Bachelard é plural e aberta, e ele entende que os fundamentos da ciência e da poesia se complementam.

O conjunto de sua obra renovou tanto a compreensão do pensamento científico quanto do pensamento imagético pela concepção de um pensamento dinâmico, no qual razão e imaginação são ambas “criadoras”, “ativas”, “abertas” e “realizantes”. (CESAR, 1996, p.123)

Hayden White, na sua obra “Meta-História: a imaginação histórica do século XIX” (2008), nos apresenta uma história da historiografia articulada com uma epistemologia da história que pode nos ajudar a pensar sobre separação da razão e da imaginação. No texto em questão, o autor analisa as teorias de quatro filósofos, G. W. F. Hegel, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Benedetto Croce, assim como analisa as teorias de quatro historiadores, Jules Michelet, Leopold von Ranke, Alexis de Tocqueville, e Jacob Burckhardt, buscando identificar estilos retóricos e gêneros literários que esses autores utilizavam para construir seus textos, assim como perceber como entendiam os processos históricos. O autor conclui que todo trabalho histórico emprega a narrativa e que a narrativa histórica é retórica e também poética por natureza (WHITE, 2008).

White (2008) ressalta que o entendimento que se deu para a razão durante a história acabou por separar a verdade da imaginação. Dessa forma, as fábulas, mitos e tantas outras formas de fontes foram banidas da pesquisa histórica, o que ele chamou de “compartimentalização da psique” (WHITE, 2008. p. 160). Essa compartimentalização da psique seria a diferenciação, separação entre razão e imaginação.

Para White, a historiografia, ao repudiar a fantasia como algo avesso a verdade, acabou por abandonar fontes importantes para se pensar e articular histórias. O pensador ainda aponta que aos historiadores cabia evitar “a todo custo o “fabuloso”, nada inventando que não fosse justificado pelos fatos e reprimindo os próprios preconceitos e interesses partidários para não expor à acusação de difamação” (WHITE, 2008, p. 63). Sendo assim, a imaginação também foi muitas vezes encarada como algo avesso à razão e que deveria ser evitada por qualquer um que desejasse ter seus estudos considerados pela historiografia hegemônica.

Em vista disso, entendemos que a imaginação é uma faculdade fundamental na busca de aprender e de ensinar. Ela nos parece essencial para criar possibilidades de existência nas quais possamos desenvolver uma ética capaz de auxiliar na construção de uma sociedade menos desigual. A imaginação nesse entendimento é uma forma de consciência e de possibilidade de criação no mundo e do mundo.

Diante do exposto, a imaginação é entendida como uma faculdade que possibilita que conceitos sejam apreendidos e criados. A imaginação suscitada pela experiência estética das cantigas das trobairitz permite que possamos suspender nossos juízos e sairmos dos lugares que estamos habituados a estar e habitarmos lugares que ainda desconhecemos. Esse movimento de suspensão para um lugar outro, que não o do cotidiano, também possibilita que os envolvidos nesse movimento (no caso, professores e estudantes) possam se permitir a uma abertura para o desconhecido. Neste caso, para um mundo medieval surpreendente, produto das pesquisas e dos estudos de medievalistas, que ultrapassam os limites tanto dos grandes esquemas explicativos, quanto da colonialidade do saber e do tempo.

Na aprendizagem conceitual, a imaginação não somente facilita a aprendizagem de conceitos, mas, nesse entendimento, é ela que os possibilita. Assim, conceitos como ruptura, descontinuidade, transformação, gênero não são somente mais facilmente aprendidos pelo estímulo da imaginação, mas são compreendidos pela imaginação. Dessarte, a imaginação tem papel ético que permite imaginar o passado, problematizar o presente e criar possibilidades de futuros.

Ao imaginar a história das mulheres compositoras, poetisas medievais, as/os estudantes, em primeiro, se encontraram com as histórias daquelas alteridades. Ao imaginar a vida das trovadoras, em segundo, as/os estudantes pensaram sobre suas vidas e sobre si mesmos. De certa forma, esse pequeno encontro com as mulheres do medievo pela sua poesia e música possibilita um encontro dos estudantes com a história de vida deles próprios, com os amores e desamores que possam ter tido e com as dificuldades que possam ter enfrentado durante as suas trajetórias de vida.

### **Considerações finais**

Em um tempo em que a História disciplina acadêmica e a História ensinada se envolvem em uma guerra contra os movimentos que negam as narrativas científicas e a complexidade da

realidade; em um tempo em que os currículos de História, na escola e também na universidade, são questionados a repensar os modelos eurocêntricos que, via de regra, têm regulado o modo como se cria o passado e se produz narrativas; em um tempo em que povos, identidades e formas de vida que foram silenciadas por séculos por esse currículo eurocêntrico de História gritam por espaço e visibilidade, precisamos problematizar a medievalística (a pesquisa em Idade Média) e o ensino sobre o medievo. Essa problematização implica afirmar o papel da História em geral, do passado e do medievo, na construção de um mundo mais aberto e menos colonizado, de maneira a ampliar as possibilidades de aprendizagem sobre o mundo.

Além do mais, a pesquisa e o ensino de Idade Média tem questionado, peremptoriamente, o modo como o presente tem imaginado o medievo, seja pelos jogos, pela literatura fantástica, seja pela própria escola e as produções didáticas. Esses questionamentos têm ampliado significativamente o que se pode aprender sobre a Idade Média, pois ela deixa de ser apenas um conteúdo de ensino frio e disciplinado, para se tornar um passado que permite cortar o presente e redefinir os modos de criar relações entre as pessoas e entre os seres do mundo.

Imaginar a Idade Média a partir do encontro com as cantigas das trobairitz tem efeitos importantes para o ensino de História em geral e para o ensino de Idade Média, em particular. Primeiramente, tal inclusão possibilita olhar para o passado medieval como uma multiplicidade, uma espécie de abertura que é povoada por muitas temporalidades e muitos modos de vida; por segundo, a experiência ética e estética das trobairitz nos permite pensar as resistências que problematizam os contextos e os grandes esquemas explicativos, na direção de uma história das discontinuidades (FOUCAULT, 1999); em terceiro, essa experiência das trobairitz possibilita problematizar o presente e as relações de gênero que hoje criam formas de discriminação e formas de violência; logo, posteriormente, tal problematização do presente abre o campo dos possíveis a futuros não definidos ou catalogados.

## Referências

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, C. C. de. Mulheres e poder: estratégias para o sucesso das famílias dirigentes de Colônia na Idade Média tardia. **De Medio Aevo**, v.6, p.129-146, 2017.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989/2002.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BARBOSA, E.; BULCÃO, M. Bachelard. **Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. V. I. P. 222-232.

BERTARELLI, M. E.; AMARAL, C. O. Longa Idade Média ou apropriações do medievo? Uma reflexão para se descolonizar a idade média através do medievalismo. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 97-130, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1555>. Acesso em: 5 abr. 2022.

CESAR, C. M. **A hermenêutica francesa**: Bachelard. Campinas: PUCCAMP, 1996.

DABAT, C. R. Mas, onde estão as neves de outrora? **Cadernos de História**, Recife, v.1, n.1, p.21-57, 2002.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DEPLAGNE, E. de F. C. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média. **Revista Signum**, v.20, n.2, p.24-56, 2019.

DEPLAGNE, E. de F. C.. Gênero em desafio: das trobairitz provençais às repentistas nordestinas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.35, p.193-205, jan./jun. 2010.

DEPLAGNE, L.; BROCHADO, C. **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

EFTEKHARI, L. T. Trobairitz, muses oubliées. **Faces de Eva**, v.40, p.97-113, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/333681569\\_Trobairitz\\_muses\\_oubliees](https://www.researchgate.net/publication/333681569_Trobairitz_muses_oubliees). Acesso em: 15 abr. 2021.

FORTES, C. C. Estudos de gênero, história e a idade média: relações e possibilidades. **Revista Signum**, 2019, v.20, n.1, 2019. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/489/411>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. S.T.Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALLO, S. Em Torno de uma Educação Menor. **Revista Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n.2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MAC GINITY, E. E. G. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v.2, n.3, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/view/63309>. Acesso em: 05 jan. 2022.

MACEDO, J. R. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. P.109-126

MACEDO, J. R. **A mulher na Idade Média**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PEREIRA, N. M. Ensino de História e resistência: notas sobre uma história menor. @**rquivo Brasileiro De Educação**, v.5, n.10, p.103-117, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/P.2318-7344.2017v5n10p103>. Acesso em: 02 jun. 2021.

PEREIRA, N. M. O que se faz em uma aula de história? Pensar sobre a colonialidade do tempo. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.20, n.45, p.16-35, set./dez. 2018.

PEREIRA, N. M.; GIACOMONI, M. P. **Possíveis Passados**: representações da Idade Média no Ensino de História. Porto Alegre: Zouk, 2008.

PIZAN, C. de. **La cité des dames**. Paris: Stock, 1986.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005. P.107-130. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf). Acesso em: 20 out. 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (on-line), v.20, n.2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 30 mar. 2022.

SETH, S. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v.6, n.11, p.173-189, 2013. DOI: 10.15848/hh.v0i11.554. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/554>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SILVEIRA, A. D. da. Temporalidade, historicidade e presença em uma análise do prólogo do Picatrix (séc. XIII). **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 22, p. 185-201, dez. 2016. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1028>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SIMONI, K. Da impossibilidade do amor à possibilidade da poesia: notas para a tradução de Compiuta Donzela ao português. *In*: DEPLAGNE, L.; BROCHADO, C. **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018. P.237.

WHITE, H. **Meta-História**: A imaginação Histórica do século XIX. Trad. José Laurêncio de Melo. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

Recebido em 12- 04- 2022

Aprovado em 19 - 06 - 2022

Publicado em 25-07- 2022